

REPORTAGEM ESPECIAL

Agro do Litoral abastece o RS

» Cidades litorâneas formam uma potência agrícola que movimenta R\$ 1,8 bilhão

Loraine Luz, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Com a supremacia do arroz e, depois, banana e soja numa disputa mais próxima, a agricultura do litoral gaúcho soma mais de R\$ 1,8 bilhão em valor de produção, segundo os dados de 2023 da Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE. Porém, o potencial de Norte a Sul dessa faixa bem ao leste do Estado (foram considerados nesta reportagem 23 municípios) vai muito além disso, sendo solo fértil para quilos de hortaliças e frutas que abastecem os mercados locais, da Capital e da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Tomando por base a oferta na Ceasa-RS procedente do Litoral, lá estão milhares de unidades de brócolis, couve, couve-flor, batata-doce, beterraba repolho (verde e roxo), berinjela, chuchu, cenoura, aipim, moranga, rabanete, alface, acelga, alho-poró, tomate, pimentão, manjerição, cheiro verde, laranja, limão, pitáia e tangerina. Pelo menos 11 municípios destinam seus cultivos para a central de abastecimento gaúcha, com destaque para Maquiné, Morrinhos do Sul e Dom Pedro de Alcântara. O volume mensal médio de produtos litorâneos comercializados chega a 4.910.267 quilos - em torno de 12% do volume total em setembro, por exemplo.

“A Região Metropolitana é o destino da maior parte da produção. Mas também as redes de abastecimento. Para muitos fornecedores do Litoral, McDonalds e Subway, por exemplo, são consumidores diretos. Não é incomum, em Maquiné, ver direto transitar caminhões dessas redes”, informa Luis Bohn, gerente técnico estadual adjunto da Emater/RS-Ascar.

De modo geral, a forte cultura hortifrutigranjeira do Litoral, principalmente do Médio e do Norte, pode ser desconhecida. Os diferenciais começam nas condições climáticas. Embora o vento seja um inconveniente, não há geadas. Por conta da pluviometria e da temperatura estável (pouca amplitude entre as médias de mínima e máxima), se usa menos irrigação do que em outras regiões do Estado. O solo das encostas, como no Norte



Culturas como a orizícola estão presentes em terras cultiváveis de municípios à beira-mar e vão parar na mesa dos consumidores gaúchos

do Litoral, são considerados muito férteis. Ali, lembra Bohn, estão bem estabelecidos sistemas socioambientais muito importantes, em especial relacionados a bananas. Sociais porque sustentam milhares de famílias e ambientais porque protegem o solo em casos de enxurradas, por exemplo.

“O Litoral é muito lembrado pelas praias, pelo turismo, mas tem uma agropecuária forte. E, ao contrário do que muita gente imagina, há produtores muito bem tecnificados. Tem produtor de banana e de abacaxi usando drone para pulverização de lavoura”, afirma Wolnei Fenner, técnico da Emater.

Conforme dados do IBGE, o valor da produção de frutas e hortaliças, incluindo batatas e raízes, nos municípios analisados nesta reportagem, chegou a mais de R\$ 585 milhões no ano passado. “O ano de 2023 foi de estiagem bem severa, que afeta

o valor de produção dos produtos, com certeza”, destaca Fernanda de Mello, tecnóloga em Informações Geográficas e Estatísticas do IBGE (seção de Pesquisas Agropecuárias no Rio Grande do Sul). Para 2024, o impacto se deve às chuvas. A safra de cebola, por exemplo, com colheita neste mês de outubro, deve mostrar perdas por causa das precipitações de setembro. O principal produtor - São José do Norte - não faz parte do recorte Litoral, mas para outros dois municípios litorâneos - Mostardas e Tavares, mais ao sul -, a cebola é importante.

O Litoral Médio e Norte têm, em tese, maior potencial para dinamizar suas atividades primárias por causa da proximidade com o mercado da Região Metropolitana. “Pode se destacar como produtor de alimentos saudáveis para a população, sendo cultivados pela agricultura familiar e em pequenas áreas,

quando comparado à produção extensiva de agro commodities”, analisa a agrônoma Daniela Oliveira, professora no Campus Ufrgs Litoral Norte e integrante do Gepad (Grupo de Pesquisa em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural).

Ela também destaca o pioneirismo local com a produção orgânica. A OPAC Litoral Norte e a Rede Ecovida de Agroecologia fazem a certificação na região. Os produtos sem agrotóxicos podem ser encontrados em feiras da Capital. “Na atual conjuntura, onde são discutidas mudanças climáticas, menor uso de água, energia e outros recursos, é fundamental o crescimento da produção orgânica e agroecológica”, defende a professora.

Para Bohn, uma melhor organização dos agricultores é condicionante para ampliar as potencialidades do Litoral. A Coomafitt (Cooperativa Mista de Agricultores

Familiares de Itati, Terra de Areia e Três Forquilhas) é um exemplo. Criada em 2006, chegou a 300 associados em 2023, ano em que o faturamento cresceu em 30% (o maior desde 2015). Em 2021, a então presidente Micheli Bresolin entrou na lista Forbes das 100 Mulheres Poderosas do Agro (era a única gaúcha).

Também no sentido de melhorar resultados, tem peso o trabalho de extensão rural. “Nós, da Emater, estamos sempre puxando para que o produtor produza mais, seja qual for o perfil dele”, comenta Fenner. “Claro que se consegue mais quando o produtor já é minimamente tecnificado do que aquele que tem menos tecnologia e não quer crescer, está satisfeito com a vida que leva. A gente respeita a decisão dele. Não quer dizer que o Litoral esteja pior que outras regiões do Estado”, conclui.